
REVISÃO CIENTÍFICA DOS IMPACTOS DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA SOB A LUZ DAS TEORIAS CURRICULARES

Rubens Antonio Gurgel Vieira, João Pedro Goes Lopes**, Marcos Garcia Neira****

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão científica da produção acadêmica sobre o ensino de Educação Física no contexto da pandemia de COVID-19, publicada entre fevereiro de 2020 e maio de 2023. A análise foi orientada pelas teorias curriculares tradicional, crítica e pós-crítica, com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos à Educação Física durante o ensino remoto emergencial. Foram examinados 16 artigos científicos, identificando-se distintas formas de posicionamento docente diante dos desafios pedagógicos impostos pela crise sanitária. Os resultados indicam que, apesar das limitações estruturais, emergiram experiências inventivas e ressignificações curriculares importantes, sobretudo nas abordagens críticas e pós-críticas. A Educação Física mostrou-se um campo dinâmico de disputas simbólicas, revelando tanto as fragilidades do sistema educacional quanto a potência de reinvenção pedagógica dos/das docentes.

Palavras-chave: educação física; pandemia; ensino remoto; teorias curriculares.

* Doutor em Currículo pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Mestre em Didática pela Universidade de São Paulo. Professor adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Lavras (UFLA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9409-9245>. Correio eletrônico: rubensgurgel@ufla.br.

** Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4415-7603>. Correio eletrônico: joaogoez@gmail.com.

*** Pós-doutor em Educação pela Universidade do Minho (UMinho-Portugal). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor titular do Departamento de Educação da USP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1054-8224>. Correio eletrônico: mgneira@usp.br.

SCIENTIFIC REVIEW OF THE IMPACTS OF THE PANDEMIC ON PHYSICAL EDUCATION IN THE LIGHT OF CURRICULAR THEORIES

ABSTRACT

This article presents a scientific review of academic literature on Physical Education teaching during the COVID-19 pandemic, published between February 2020 and May 2023. The analysis is based on traditional, critical, and post-critical curriculum theories, aiming to understand the meanings attributed to Physical Education in the context of emergency remote teaching. Sixteen scientific articles were examined, revealing various teacher responses to the pedagogical challenges posed by the health crisis. Despite structural limitations, inventive practices and significant curricular reconfigurations emerged, particularly within critical and post-critical approaches. Physical Education proved to be a dynamic field of symbolic disputes, exposing both the weaknesses of the educational system and the pedagogical creativity of teachers.

2

Keywords: *physical education; pandemic; remote teaching; curriculum theories.*

REVISIÓN CIENTÍFICA DE LOS IMPACTOS DE LA PANDEMIA EN LA EDUCACIÓN FÍSICA A LA LUZ DE LAS TEORÍAS CURRICULARES

RESUMEN

Este artículo presenta una revisión científica de la producción académica sobre la enseñanza de la Educación Física en el contexto de la pandemia de COVID-19, publicada entre febrero de 2020 y mayo de 2023. El análisis se guió por las teorías curriculares tradicional, crítica y pos crítica, con el objetivo de comprender los significados atribuidos a la Educación Física durante la enseñanza remota de emergencia. Se examinaron 16 artículos científicos, identificando diversas formas de posicionamiento docente ante los desafíos pedagógicos impuestos por la crisis sanitaria. Los resultados indican que, a pesar de las limitaciones estructurales, surgieron experiencias inventivas y resignificaciones curriculares relevantes, especialmente en los enfoques críticos y pos críticos. La Educación Física se reveló como un

campo dinámico de disputas simbólicas, evidenciando tanto las fragilidades del sistema educativo como el potencial de reinención pedagógica de los/as docentes.

Palabras clave: *educación física; pandemia; enseñanza remota; teorías curriculares.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar a produção científica sobre o ensino de Educação Física desenvolvida durante a pandemia de COVID-19, com vistas a compreender como diferentes perspectivas curriculares — tradicionais, críticas e pós-críticas — foram mobilizadas diante dos desafios do ensino remoto emergencial (ERE). Busca-se identificar os sentidos atribuídos à Educação Física nesse contexto, os tensionamentos pedagógicos suscitados pela crise sanitária e os modos de posicionamento adotados por docentes diante das transformações impostas à prática educativa.

Enquanto elemento da engrenagem escolar, cujas tecnologias visam à conformação de subjetividades dóceis e produtivas, a Educação Física exerceu historicamente um papel central na modelagem de corpos funcionalmente ajustados aos imperativos da modernidade. Os valores disciplinares encontram nesse componente curricular um dispositivo eficaz para impulsionar o projeto de uma sociedade industrial e capitalista. Assim, a Educação Física emerge em sintonia com os fundamentos da filosofia moderna — a mesma que formulou as noções de Estado, ciência, sujeito racional e domínio sobre a natureza (Vieira, 2022).

O currículo de Educação Física, entendido aqui como um processo de formação de identidades (Silva, 1999), configura-se como um espaço estruturado por normas sociais e atravessado por dinâmicas que envolvem disputas de poder, conservação de tradições e a reprodução de uma concepção de sujeito racional despolitizado. A permanência do discurso esportivo, sustentado por símbolos como meritocracia, esforço e superação por meio do trabalho em equipe, contribui para a naturalização das lógicas de competição social. Embora não se trate de um processo estanque, essa configuração curricular, consolidada ao longo de décadas e viabilizada por recursos públicos, promoveu a difusão massiva da prática esportiva nas escolas brasileiras.

Em um artigo seminal na área, Bracht (1995) evidenciou a ausência de uma essência fixa que defina a Educação Física, ressaltando seu caráter histórico e contextual. A partir da década de 1980, a área curricular da Educação Física passou por transformações significativas,

impulsionadas por críticas às suas práticas marcadamente esportivizadas e excludentes. Em contraposição ao paradigma dominante, estudos oriundos da filosofia e da educação denunciaram a centralidade e seletividade do esporte como eixo estruturante do componente curricular, desencadeando o que ficou conhecido como a “crise de identidade” da Educação Física.

Esse movimento renovador possibilitou a emergência de diferentes teorias curriculares, que passaram a disputar a hegemonia no campo, cada qual sustentada por distintas visões de mundo, sociedade, escola, objetivos formativos, métodos e fundamentos teóricos (Neira; Nunes, 2009). É possível identificar, de forma geral, dois grandes conjuntos: de um lado, abordagens que, embora renovadas em sua forma, mantêm uma base acrítica ancorada nas ciências psicobiológicas; de outro, propostas contra-hegemônicas, fundamentadas no materialismo histórico e nos aportes teóricos da Escola de Frankfurt (Caparroz, 1997; Machado; Bracht, 2016).

Apenas no início do século XXI a Educação Física passou a incorporar, de forma mais sistemática, as primeiras aproximações com as teorizações pós-críticas (Lopes, 2013; Silva, 1999), representadas pelo que veio a ser conhecido como currículo cultural da Educação Física (Neira; Nunes, 2006, 2009). Essa perspectiva epistemológica enfatiza o papel dos discursos na constituição da realidade, em diálogo com os pressupostos pós-estruturalistas; adota a cultura como categoria central de análise, em consonância com os Estudos Culturais; recusa a noção de sujeito essencial e as explicações totalizantes, inspirando-se nos referenciais pós-modernos; e se abre à interlocução com outras correntes teóricas e políticas, como os estudos de gênero, o pós-colonialismo, a teoria *queer*, entre outras.

Preocupados em delimitar o campo de atuação curricular da Educação Física, Neira e Nunes (2009), sob a perspectiva teórica de Silva (1999), propõem uma classificação das propostas de ensino em três grandes conjuntos de teorias curriculares: tradicionais, críticas e pós-críticas. As teorias tradicionais — que fundamentam modelos como os currículos ginástico, esportivista, desenvolvimentista, psicomotor e de saúde renovada — tendem a tratar os conteúdos escolares de forma acrítica, sustentando uma concepção idealizada de conhecimento e priorizando sua reprodução. Em contraposição, as teorias críticas do currículo, como a crítico-superadora e a crítico-emancipatória, colocam em xeque os saberes legitimados na escola, denunciando como tais saberes contribuem para a reprodução de uma ordem social alicerçada em interesses de grupos dominantes, geralmente vinculados ao poder econômico e/ou ao controle cultural e midiático. Por sua vez, as teorias pós-críticas — também denominadas

currículo cultural ou perspectiva culturalmente orientada (Neira; Nunes, 2006, 2009, 2022) — concebem os conteúdos curriculares como produções culturais marcadas por disputas de sentido. Nessa perspectiva, o conhecimento não é dado ou possuído, mas constantemente negociado nos jogos de representação que a cultura produz. Assim, nem o poder é único, nem os sujeitos são totalmente ideologizados: o que se coloca em questão é o lugar a partir do qual nos posicionamos e os modos pelos quais acessamos, veiculamos, desconstruímos ou promovemos determinadas representações.

Esse breve mapeamento curricular revela um campo em permanente movimento — uma arena de disputas em que avanços e retrocessos se entrelaçam, impulsionando a busca por novas potencialidades¹. Essas possibilidades emergem tanto dos debates teóricos no campo educacional quanto das demandas que nascem das transformações sociais contemporâneas, marcadas pela presença massiva da tecnologia e pelas diretrizes do neoliberalismo. O ano de 2020 introduziu um fator inédito nesse cenário: o contexto pandêmico de contornos “apocalípticos”, provocado pela rápida disseminação da COVID-19, doença causada por um novo coronavírus, o Sars-CoV-2, até então desconhecido pela comunidade científica.

A pandemia impactou profundamente as dimensões humanas em escala global, levando Veiga-Neto (2020) a sugerir que a crise sanitária fosse compreendida como uma *sindemia*. O termo propõe uma abordagem que ultrapassa a perspectiva estritamente biológica do vírus, ao reconhecê-lo como catalisador de transformações sociais, culturais e econômicas, com implicações diretas para a saúde global e para os contextos macroestruturais em que os sujeitos estão inseridos. Diante desse panorama, o presente artigo realiza uma revisão da produção científica publicada entre fevereiro de 2020 e maio de 2023 sobre o ensino de Educação Física no contexto da pandemia de COVID-19. Esses trabalhos foram examinados à luz da classificação sugerida no campo curricular por Silva (1999). Esta foi transposta para o campo da Educação Física por Neira e Nunes (2006, 2009) e estabelece uma delimitação em três categorias: teorias curriculares tradicional, crítica e pós-crítica. O intuito foi compreender como os discursos pedagógicos se reorganizaram frente às exigências e desafios impostos pela crise sanitária global.

¹ A classificação das teorias curriculares da Educação Física nas categorias tradicional, crítica ou pós-crítica, embora possua potência analítica, pode gerar simplificações excessivas. Neste momento, nós a utilizaremos, sem maiores problematizações, em função dos objetivos deste estudo. Para aprofundamento na temática, recomendamos a leitura de Vieira, Bonetto e Borges (2024).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Entre fevereiro de 2020 e maio de 2023, observou-se uma expressiva produção científica sobre o ensino da Educação Física no contexto da pandemia, cujos efeitos ainda ressoam em diversas dimensões da vida social e educacional — da fase inicial à etapa pós-vacinal da sindemia. Nesse período, utilizamos o recurso Google Alerta, disponibilizado pelo Google Acadêmico, com termos-chave como “pandemia”, “ensino remoto” e “Educação Física”. Os artigos que continham tais elementos eram automaticamente enviados para nossa caixa de e-mail, o que permitiu automatizar parte de um processo que, de outro modo, exigiria uma revisão sistemática convencional. Considerando que a plataforma oferece acesso a uma ampla gama de publicações em diferentes áreas do conhecimento, avaliamos ter alcançado um panorama consistente das pesquisas que se debruçaram sobre os desafios e transformações educacionais impostos pela crise sanitária.

A partir desse levantamento, reunimos um total de 16 artigos científicos, que foram analisados de forma articulada, traçando-se paralelos entre eles. Optamos por não incluir outras modalidades de produção acadêmica, como comunicações em congressos ou teses e dissertações. É importante ressaltar que, embora a classificação das teorias curriculares em tradicional, crítica e pós-crítica — amplamente difundida no campo da Educação Física a partir dos trabalhos de Neira e Nunes (2006, 2009) — seja consolidada, ela não está isenta de críticas. Os próprios autores reconhecem as limitações dessa tipologia, diante da complexidade e da amplitude dos campos teóricos que ela procura abarcar. Ainda assim, visando manter o diálogo com a tradição teórica já estabelecida na área, a análise concentrou-se no referencial adotado pelas autoras e autores dos estudos examinados para interpretar seus resultados. Partimos do pressuposto de que a mobilização de determinados argumentos teóricos revela a filiação curricular assumida pela autoria, o que repercute diretamente nas formas de se conceber, significar e representar a Educação Física no contexto da sindemia (Hall, 2016).

Seguindo esse raciocínio, iniciamos a análise pelos textos que apresentam referências alinhadas a um arquétipo que pode ser caracterizado como tradicional; em seguida, examinamos aqueles fundamentados em referenciais críticos; avançamos para estudos que transitam entre perspectivas críticas e pós-críticas; e, por fim, abordamos os trabalhos ancorados em quadros teóricos claramente vinculados às proposições pós-críticas.

3 CURRÍCULOS TRADICIONAIS E ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: A EDUCAÇÃO FÍSICA EM ADAPTAÇÃO

Os estudos reunidos neste grupo revelam que a Educação Física, ancorada em concepções curriculares tradicionais, procurou responder aos desafios do ERE durante a pandemia sem promover alterações significativas em sua estrutura pedagógica central. A partir da classificação teórica adotada, foi possível identificar seis trabalhos cuja compreensão da Educação Física, no contexto da sindemia, se alinha às teorias curriculares tradicionais. De modo geral, esses estudos evidenciam esforços para garantir a continuidade das práticas pedagógicas diante da emergência sanitária; contudo, também revelam os limites de abordagens pouco problematizadoras diante da complexidade das relações de ensino-aprendizagem em um cenário marcado por profundas desigualdades e instabilidades socioeducacionais.

Cruz *et al.* (2022) investigaram a experiência do ERE em 30 Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs) do Paraná, a partir da aplicação de um questionário qual-quantitativo aos/as coordenadores/as de Educação Física. Os resultados evidenciaram dificuldades enfrentadas pelos/as profissionais em conciliar atividades domésticas e pedagógicas, diante do aumento da carga de trabalho, da necessidade de adaptação tecnológica e da complexidade em manter o engajamento dos/as alunos/as. Relataram ainda a adoção de diversas estratégias para mitigar os impactos da transição do ensino presencial para o virtual. Mesmo com a experiência anterior em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), a maioria declarou não se sentir preparada para dar continuidade ao ERE em 2021, alegando falta de formação específica.

Barbosa (2023) analisou a introdução dos esportes de aventura em turmas do Ensino Médio Integrado durante o ERE. A autora recorreu a metodologias ativas — como sala de aula invertida, gamificação e cultura *maker* — na tentativa de promover o engajamento e motivação dos/as estudantes. As atividades foram realizadas semanalmente ao longo de 2021, com uso de plataformas digitais como Google Forms, Canva, Google Meet e Moodle. Embora o estudo adote recursos pedagógicos contemporâneos, mantém-se vinculado a uma lógica tradicional ao centrar-se na transmissão de conteúdos específicos. Ainda assim, destaca-se a mobilização de temas como educação ambiental, desigualdades sociais e capitalismo, sugerindo tensionamentos entre o enfoque tradicional e possíveis aproximações com perspectivas críticas.

Maia Filho *et al.* (2022) investigaram as percepções de estudantes do ensino fundamental de uma escola pública em Maceió (AL) sobre as aulas de Educação Física durante

o ERE. Os dados foram coletados por meio de roda de conversa realizada via Google Meet. Os/as alunos/as consideraram o ERE simultaneamente “inovador” e “desafiador”, mencionando a ampliação do acesso à tecnologia, mas também o aumento das distrações. De forma geral, demonstraram expectativas positivas quanto à continuidade do ensino híbrido como alternativa viável de acessibilidade e segurança.

Silva, Lima e Braga (2022) examinaram a atuação de três professores/as de Educação Física durante os anos de 2020 e 2021, com foco nas dificuldades enfrentadas no ERE. Os autores identificaram a falta de capacitação técnica, a carência de recursos materiais e a ausência de delimitação entre tempo de trabalho e vida pessoal como entraves significativos. Relataram também o desengajamento dos/as alunos/as e as limitações estruturais, como falta de conectividade e infraestrutura. Os autores defendem a necessidade de novos meios de comunicação com os/as discentes, ainda que reconheçam o risco de sobrecarga docente.

Ariosi e Ribeiro (2022) analisaram as estratégias e percepções de 49 professores/as de Educação Física da região centro-oeste paulista diante das exigências do ERE. A partir de um questionário semiestruturado, identificaram sentimentos como ansiedade, insegurança, mas também esperança e adaptação. Entre os principais desafios apontados estão a dificuldade de acesso às tecnologias pelos/as alunos/as e os limites para a vivência corporal no ambiente virtual. Os/as docentes relataram falta de apoio e reconhecimento, além de sobrecarga emocional. O estudo conclui que, embora tenham buscado alternativas para assegurar o ensino, os impactos negativos foram mais expressivos do que os positivos.

Por fim, Lima, Oliveira e Azevedo (2022) exploraram a experiência do ERE em um Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) no interior do Ceará. A pesquisa identificou que, mesmo antes da pandemia, as aulas de Educação Física já apresentavam um caráter predominantemente teórico e fragmentado, com pouca articulação à cultura corporal. Durante o ERE, o *WhatsApp* foi a principal ferramenta adotada, mas mostrou-se insuficiente para manter o engajamento dos/as estudantes. Apesar das limitações, os/as docentes avaliaram a experiência como uma oportunidade de aprendizado.

De modo geral, os trabalhos associados às abordagens tradicionais revelam uma tentativa de continuidade pedagógica frente à emergência sanitária, como se o ERE pudesse simplesmente replicar, em novo formato, práticas já consolidadas no contexto presencial. A tecnologia, em vez de ser explorada como oportunidade para problematizar os sentidos da cultura corporal e ampliar os horizontes pedagógicos da área, foi majoritariamente tratada como um obstáculo operacional ou um meio neutro para a reprodução de conteúdos. Esse movimento

evidencia a persistência de um caráter acrítico historicamente presente nesse campo curricular, centrado em aspectos instrucionais e técnico-funcionais, sem questionar os modos de ensinar, os sentidos atribuídos ao movimento humano ou as condições concretas de existência dos/as estudantes. Ainda que compreensível diante do cenário de urgência, tal postura reforça as limitações das abordagens tradicionais para enfrentar contextos marcados por instabilidade e transformações profundas, como os vivenciados durante a pandemia.

4 REAÇÕES CRÍTICAS À PANDEMIA: DESAFIOS, INCLUSÃO E RESSIGNIFICAÇÃO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO

Dando continuidade à análise do *corpus*, organizamos os artigos com base na filiação teórica expressa em suas escolhas epistemológicas, metodológicas e discursivas, conforme a tipologia curricular proposta por Neira e Nunes (2006, 2009). Reiteramos que essa classificação — entre teorias curriculares tradicionais, críticas e pós-críticas — não é estanque, mas funciona como ferramenta analítica que permite evidenciar os diferentes modos de conceber e praticar a Educação Física no contexto da pandemia. Conforme argumentado anteriormente, entendemos o currículo como uma arena de disputas simbólicas e políticas (Silva, 1999), na qual se projetam distintas concepções de sujeito, conhecimento e sociedade. Nesse sentido, a análise dos artigos considerou não apenas os temas abordados, mas, sobretudo, os referenciais teóricos mobilizados, os autores citados e os sentidos atribuídos à prática pedagógica. A partir desse referencial, identificamos dois estudos cuja abordagem se alinha às teorias curriculares críticas, caracterizadas pela denúncia das desigualdades sociais, pela valorização da historicidade e pelo compromisso com uma Educação Física voltada à transformação social.

Oliveira e Mendes (2021) investigaram a articulação entre mídia-educação, Educação Física e o uso de *podcasts* como recurso pedagógico, por meio de uma pesquisa-ação desenvolvida com turmas do 8.º ano do ensino fundamental em uma escola pública do interior de Minas Gerais. O objetivo foi refletir sobre uma experiência pedagógica no contexto do ERE. Os principais resultados apontam que, quando estimulados/as com propostas de caráter mais autônomo, os/as estudantes responderam de forma criativa e crítica, adotando diferentes estratégias para socializar suas percepções. As interações entre os/as alunos/as indicam que o uso de mídias digitais pode ampliar o interesse e a participação nas aulas de Educação Física, desde que as atividades estejam sintonizadas com as realidades escolares.

Godoi *et al.* (2020) também enfatizaram os desafios enfrentados por professores/as de Educação Física no ERE, especialmente devido à identificação da área com os saberes do fazer e com a necessidade de vivências corporais. A utilização de vídeos permitiu abordagens reflexivas sobre as práticas corporais, embora os/as docentes tenham relatado dificuldades de adaptação ao novo formato, insegurança no uso das ferramentas tecnológicas, além de sobrecarga de trabalho. A ausência de engajamento discente nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) também foi apontada como obstáculo. Ainda assim, os/as autores/as destacam a potência crítica do componente curricular ao explorar temáticas sensíveis e propor práticas que se conectam com a realidade dos sujeitos.

Além desses, identificamos quatro estudos situados em uma zona liminar entre os paradigmas crítico e pós-crítico, por articularem preocupações estruturais com desigualdades sociais e atenção às singularidades, subjetividades e culturas.

Paixão, Ferenc e Nunes (2022) analisaram o ERE na Educação Física durante a pandemia por meio de entrevistas com seis docentes das redes pública e privada de Viçosa (MG). Os dados revelaram que, além de desafios tecnológicos e pedagógicos, havia demandas relacionais, como a manutenção do vínculo entre professor/a e aluno/a e a valorização da participação ativa. As famílias desempenharam papel central na mediação desses processos. Os/as autores/as destacam a valorização da Educação Física no período, com a inclusão de conteúdos teóricos e avaliações, reconhecendo a necessidade de políticas públicas que promovam inclusão digital e qualificação docente.

Baptista (2021) identificou os desafios enfrentados por uma professora da rede pública de Maricá (RJ) durante o ensino remoto. Sem acesso consistente à *internet*, a maioria dos/as estudantes teve participação limitada. A docente utilizou a dança como eixo pedagógico, articulando aspectos históricos, culturais e identitários, com destaque para manifestações afro-brasileiras. A autora defende metodologias mais democráticas, atentas às desigualdades socioeconômicas e às especificidades do público atendido, além da importância da formação continuada dos/as docentes.

Velloso *et al.* (2022) analisaram práticas pedagógicas desenvolvidas entre 2020 e 2021, destacando os esforços de docentes que, mesmo diante da escassez de recursos, buscaram respeitar as realidades dos/as estudantes e promover reflexões críticas sobre as práticas corporais. A pesquisa ressaltou a importância do uso consciente da tecnologia e da formação continuada para a construção de uma Educação Física que contribua para a formação de sujeitos críticos e atuantes.

Fonseca, Santos e Oliveira (2022) investigaram as percepções de licenciandos/as com deficiência em cursos de Educação Física durante o ERE. As autoras destacaram barreiras de comunicação, dificuldades no acesso a equipamentos e metodologias pouco inclusivas. Os resultados reforçam a necessidade de uma formação docente sensível às diferenças, que promova ambientes educacionais mais acessíveis, respeitando as singularidades dos/as estudantes com deficiência e assegurando sua plena participação no processo formativo.

De um lado, os artigos desse grupo denunciam as desigualdades estruturais, a precarização do trabalho docente, a exclusão digital e os impactos da pandemia sobre populações vulnerabilizadas. De outro, ampliam os horizontes analíticos ao incluir práticas corporais marginalizadas, enfatizar relações afetivas e familiares, e propor abordagens pedagógicas que valorizem a diversidade e a experiência dos sujeitos.

Embora mobilizem elementos do campo pós-crítico, esses estudos não se filiam explicitamente a esse paradigma. Falta-lhes, em geral, o diálogo direto com referenciais como os Estudos Culturais, a teoria *queer*, o pós-colonialismo ou autores pós-estruturalistas que tensionam noções como sujeito essencial, verdade e identidade estável. A ancoragem teórica predominante permanece no campo da crítica social de base estrutural, centrada em categorias como desigualdade, exclusão e justiça. Por isso, classificamo-los como produções de transição ou articulação entre o crítico e o pós-crítico, não como representações plenas da teorização pós-crítica no currículo da Educação Física.

Em perspectiva mais ampla, os estudos aqui analisados revelam esforços inventivos de reinvenção pedagógica diante de um cenário adverso. Mesmo com limitações tecnológicas, exclusões digitais e fragilidades institucionais, docentes e pesquisadores/as buscaram ampliar os sentidos atribuídos à Educação Física escolar. Ainda assim, grande parte das produções permanece ancorada em rationalidades modernas e categorias estruturais, o que limita sua potência disruptiva. Nesse contexto, o campo pós-crítico oferece aportes promissores para tensionar as representações, interrogar os regimes de verdade e expandir as possibilidades do que pode ser vivido, dito e ensinado na Educação Física escolar contemporânea.

5 CURRÍCULOS PÓS-CRÍTICOS E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA CULTURAL

Os quatro artigos classificados como alinhados às teorias pós-críticas (Januário; Morais; Rodrigues, 2022; Neira, 2021; Neira; Souza, 2022; Souza; Neira, 2022) oferecem uma leitura singular do ensino de Educação Física durante a pandemia, fundamentada na perspectiva do currículo cultural (Neira; Nunes, 2006, 2009). Vinculada às teorias pós-estruturalistas e aos Estudos Culturais, essa abordagem recusa concepções essencialistas de sujeito e conhecimento, compreendendo a cultura corporal como um campo de disputa de significados. No contexto da pandemia, os estudos em questão evidenciam como docentes mobilizaram princípios ético-políticos para ressignificar suas práticas pedagógicas, enfrentando as limitações impostas pelo ERE e as desigualdades intensificadas pela crise sanitária.

Januário, Morais e Rodrigues (2022) investigaram as possibilidades da Educação Física inclusiva no ERE, com foco nos desafios enfrentados por docentes e na ausência de suporte institucional às pessoas com deficiência durante a pandemia. O estudo evidenciou dificuldades de comunicação entre professores/as e estudantes com deficiência, agravadas pela exclusão digital e pela falta de acesso a dispositivos eletrônicos e conexão à *internet*. As reuniões pedagógicas entre docentes e gestores/as foram marcadas pela busca de estratégias e ferramentas para estreitar os laços com as famílias, promovendo a participação ativa dos/as alunos/as. Apesar dos esforços para adaptar as atividades às necessidades de cada estudante, os relatos revelam frustrações mútuas entre familiares e professores/as, ocasionadas pelo volume excessivo de tarefas e pela perda do vínculo presencial. Os/as autores/as denunciam a negligência do poder público no enfrentamento da crise, reiterando que o ERE, além de não substituir a interação humana, acentuou desigualdades já existentes no sistema educacional.

Neira (2021) analisou como a proposta do currículo cultural em Educação Física foi incorporada ao ERE, por meio do exame de 60 vídeos produzidos entre março e agosto de 2021 por 11 docentes atuantes em diferentes etapas da Educação Básica e na EJA. Os encaminhamentos didáticos observados — como mapeamento, vivência, leitura e ressignificação da prática corporal, aprofundamento, ampliação e registro — demonstram a viabilidade de implementação dos fundamentos do currículo cultural mesmo em contexto remoto. Contudo, o autor identificou como principal limitação a inviabilidade de realizar avaliações e registros conforme os parâmetros dessa abordagem, sobretudo devido às restrições do ambiente digital.

No mesmo eixo, Neira e Souza (2022) entrevistaram quatro docentes que se autodeclararam adeptos do currículo cultural e que atuaram no ERE entre março e agosto de 2021. A partir de uma análise cultural dos registros produzidos por esses/as professores/as, os autores concluíram que, apesar das limitações impostas pelo distanciamento social e pelas dificuldades de acesso à *internet* por parte dos/as estudantes, os princípios ético-políticos da proposta foram mobilizados com criatividade. As práticas mantiveram coerência com os pressupostos culturais, evidenciando a possibilidade de adaptação crítica da abordagem às condições do período pandêmico.

Por fim, Souza e Neira (2022) realizaram uma análise qualitativa de dois relatos de experiência fundamentados na epistemologia do currículo cultural, com o objetivo de identificar as dificuldades e potências da proposta no contexto pandêmico (2020–2021). Como desafios centrais, destacaram o negacionismo discursivo presente na sociedade brasileira, a precarização das condições de trabalho docente, a desvalorização da educação pública, a polarização política e a deficiência no acesso à *internet* por parte das comunidades escolares. Ainda assim, os/as autores/as defendem que os/as docentes alinhados à perspectiva cultural conseguiram performar um ensino coerente com os princípios da proposta, revelando sua potência formativa mesmo em tempos adversos.

Os estudos pós-críticos analisados revelam a Educação Física como um espaço dinâmico de produção cultural, no qual o ERE funcionou simultaneamente como obstáculo e oportunidade para a ressignificação das práticas corporais. Diferentemente das abordagens tradicionais, marcadas pela tentativa de reprodução das aulas presenciais, e das críticas, centradas na denúncia das desigualdades estruturais, a perspectiva pós-crítica — ancorada no currículo cultural (Neira; Nunes, 2006, 2009) — posiciona a cultura corporal como um campo de disputa discursiva. Nesse horizonte, o ERE foi apropriado por docentes que, mobilizando princípios ético-políticos, articularam conteúdos como danças regionais, análises críticas de eventos esportivos e narrativas digitais, conectando o movimento humano às realidades sociais e históricas dos/as estudantes. Tais iniciativas, como demonstram Neira (2021) e Souza e Neira (2022), evidenciam o potencial do currículo cultural em fomentar a agência discente e promover reflexões críticas mesmo em contextos adversos.

Não obstante, os estudos também escancaram os limites impostos pelas condições materiais e políticas da educação brasileira. A exclusão digital — intensificada pela ausência de infraestrutura e pela precariedade no acesso à *internet* e dispositivos — constituiu um entrave significativo, sobretudo para estudantes com deficiência (Januário; Moraes; Rodrigues, 2022).

Soma-se a isso a precarização do trabalho docente, agravada pelo negacionismo e pelo descaso governamental (Souza; Neira, 2022), que comprometeram a plena realização dos princípios culturais no ERE. Dificuldades relativas à avaliação e à escrita-curriculum no ambiente virtual (Neira, 2021) também revelam a urgência de desenvolver ferramentas pedagógicas capazes de traduzir os fundamentos pós-críticos em linguagens compatíveis com os formatos digitais.

Em síntese, a análise dos trabalhos aponta que o currículo cultural constitui um referencial potente para enfrentar contextos de instabilidade, ao rejeitar essencialismos e valorizar a multiplicidade de sentidos que compõem a cultura corporal. Contudo, sua consolidação no cotidiano escolar exige investimentos estruturais, formação continuada comprometida com os princípios da inclusão e políticas públicas que assegurem condições materiais e simbólicas para a valorização da docência e a efetiva democratização do acesso à educação.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Corroborando os apontamentos de Neira (2023), a pandemia não apenas evidenciou as fragilidades históricas do sistema educacional brasileiro como também revelou a resiliência de professores/as que, diante das adversidades, reinventaram suas práticas. Independentemente das configurações teóricas, dos conceitos mobilizados ou das redes de atuação envolvidas, os trabalhos analisados neste estudo evidenciam a dimensão do desafio enfrentado por docentes que se propuseram a ensinar Educação Física durante o período de emergência sanitária. Aspectos como a precarização escolar, a desigualdade no acesso à *internet* e a exaustão docente atravessam os territórios pedagógicos e revelam, por um lado, os limites impostos pelas condições estruturais, e por outro, os modos de subjetivação docente que emergiram no contexto pandêmico e no período subsequente.

As análises apontam para o esgotamento físico e emocional de educadores/as, mas também sinalizam a emergência de novas estratégias pedagógicas e certa disposição para explorar as possibilidades das tecnologias digitais. Um dado que merece destaque é o esforço coletivo de professores/as e pesquisadores/as em registrar esse momento por meio de diferentes suportes: artigos, relatos de prática, teses, dissertações, vídeos, *podcasts*, entre outros. Este estudo, ao concentrar-se exclusivamente em artigos publicados em periódicos científicos, não contemplou essas outras formas de produção que igualmente denunciam descasos e frustrações,

mas também evidenciam a inventividade didática mobilizada na travessia de meses marcados por incertezas e instabilidades.

É importante notar que, independentemente da perspectiva curricular que orientou os estudos, há um conjunto de dificuldades recorrentes que atravessa as diferentes abordagens analisadas. Entre elas, destacam-se as seguintes: o acesso desigual à *internet* e às tecnologias; o descaso do poder público com a educação; a defasagem provocada pelo distanciamento físico; a sobrecarga de atividades na tentativa de compensar a ausência das aulas presenciais; o enfraquecimento dos vínculos entre docentes e discentes; e as barreiras específicas enfrentadas por estudantes com deficiência. Esses fatores expõem o caráter emergencial e, muitas vezes, improvisado das respostas educacionais adotadas, bem como os riscos da manutenção de visões excessivamente otimistas sobre a atuação escolar durante a pandemia. Docentes e discentes, em grande parte, foram lançados a um cenário de precariedade e incerteza, obrigados a dar continuidade ao processo educativo com poucos recursos e escasso apoio institucional.

Este estudo também apresenta limitações. O levantamento dos artigos foi realizado por meio do Google Alerta e restringido a um recorte temporal específico, o que certamente implicará defasagens futuras, dado que os efeitos da pandemia seguirão sendo sentidos e debatidos por tempo indefinido. Tal constatação nos leva a questionar: e se a pandemia tivesse durado mais tempo? E se formos novamente afetados/as por um novo vírus, tão imprevisível quanto o Sars-CoV-2? Estaríamos novamente à mercê da precarização, do abandono e do improviso?

Essas questões indicam a urgência de novas revisões científicas que não apenas atualizem o panorama da produção acadêmica, mas também aprofundem os efeitos de médio e longo prazo da pandemia no campo da Educação Física e na educação como um todo. Afinal, compreender o passado recente é condição para construir respostas mais justas, inclusivas e sustentáveis no presente e no futuro.

REFERÊNCIAS

ARIOSI, C.; RIBEIRO, F. Cenário das aulas de educação física escolar no contexto da pandemia covid-19 no centro-oeste paulista. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 61, 2022.

BAPTISTA, G. O ensino remoto emergencial e os desafios de uma professora de educação física que atua no ensino fundamental. **Revista Fluminense de Educação Física**, [S. l.], set. 2021.

BARBOSA, R. Esportes de aventura no ensino remoto: experiências com metodologias ativas nas aulas de educação física. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, 2023.

BRACHT, V. Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta “o que é educação física”? **Movimento**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, jun. 1995.

CAPARROZ, F. E. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola**. Vitória: CEF/UFES, 1997.

CRUZ, E. N. da *et al.* Educação na pandemia: perspectiva dos coordenadores regionais de educação física das APAEs do estado do Paraná sobre o ensino remoto em 2021. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 21, n. 2, p. 43-51, 2022.

FONSECA, M.; SANTOS, M.; OLIVEIRA, K. Ensino remoto e formação docente na educação física: percepções de licenciandos com deficiência. **Horizontes**, [S. l.], 2022.

GODOI, M. *et al.* O ensino remoto durante a pandemia de covid-19: desafios, aprendizagens e expectativas dos professores universitários de educação física. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. 1-19, 2020.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

JANUÁRIO, P.; MORAIS, M.; RODRIGUES, G. Desafios e possibilidades da educação física no ensino remoto: experiências docentes sob a perspectiva inclusiva. **Horizontes**, [S. l.], 2022.

16

LIMA, P.; OLIVEIRA, G.; AZEVEDO, M. A atuação de professores de educação física no ensino remoto em um CEJA do interior do Ceará. **Horizontes**, [S. l.], 2022.

LOPES, A. C. Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação, Sociedade & Culturas**, [S. l.], n. 39, p. 7-23, 2013.

MACHADO, T. S.; BRACHT, V. O impacto do movimento renovador da educação física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 849-860, jul./set. 2016.

MAIA FILHO, H. J. de S. *et al.* O ensino remoto e as aulas de educação física durante a pandemia (sars-cov-2): sentidos produzidos por estudantes de uma escola pública em Maceió (AL). **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 7007-7015, jan. 2022.

NEIRA, M. G. O possível e o impossível da educação física cultural em tempos de pandemia. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 61, p. 210-223, 2021.

NEIRA, M. G. Ressignificações da docência universitária em tempos de pandemia. *In:* BOTO, C. (org.). **Cultura digital e educação**. São Paulo: Contexto, 2023. p. 281-297.

NEIRA, M. G.; SOUZA, R. A. P. A educação física cultural em tempos de isolamento social. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-16, 2022.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (org.). **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**. São Paulo: Phorte, 2006.

OLIVEIRA, K.; MENDES, G. Produzindo podcasts na educação física escolar: possibilidades e desafios durante o ensino remoto emergencial. **Novas Tecnologias na Educação**, [S. l.], v. 19, n. 2, dez. 2021.

PAIXÃO, J.; FERENC, A.; NUNES, D. O ensino remoto emergencial de educação física frente às exigências do contexto de pandemia em escolas de educação básica. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 45, abr. 2022.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, M.; LIMA, E.; BRAGA, P. Educação Física escolar em tempos de ensino remoto: relato de professores da rede pública. **Praxia**, Goiânia, v. 4, 2022.

SOUZA, R. A. P.; NEIRA, M. G. O currículo cultural da Educação Física no ensino remoto emergencial. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022.

VEIGA-NETO, A. Mais uma lição: sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, 2020.

VELLOSO, L. *et al.* Da constituição histórica da educação física escolar às práticas pedagógicas em tempos de ensino remoto: a busca da legitimidade no pós-pandemia. **Corpoconsciência**, [S. l.], dez. 2022.

VIEIRA, R. A. G. **Educação física menor**. Jundiaí: Paco, 2022.

VIEIRA, R. A. G.; BONETTO, P. X. R.; BORGES, C. C. O. O conceito de currículo pós-critico na educação física: uma análise geofilosófica. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 40, e40342, 2024.

Recebido em: 25 maio 2024.

Aceito em: 12 jun. 2025.